

4
Autor: Rodólfo Coelho Cavalcante

AS AVENTURAS DE MARIO



(Direitos Reservados)

PREÇO — Cr\$ 3,00

AS AVENTURAS DE MARIO

Este romance leitores
Nos causa admiração
A historia de um rapaz
Que livrou-se de um dragão
Vencendo o proprio destino
Pelo seu bom coração.

Quando D. Pedro Primeiro
Nosso País governava
No Estado do Maranhão
Um fazendeiro morava
Por nome Manoel Souza
Por coronel se tratava.

Este rico fazendeiro
Em Corocatá vivia
Dono de quatro uzinas
Dez bares, e dez padaria (a)
Dois mil quinhentos escravos
Nesta terra possuia.

Dono de quatorze engenhos
Duas fabricas de tecidos
Duzentos e vinte predios
No seguro garantidos
De fato milionario
Pelos seus bens possuidos.

A mulher do Coronel
Esperava descansar
O seu primeiro filhinho
Cujos desejo sem par
Tinha o grande fazendeiro
Para os seus milhões herdar.

Mas o destino é um enigma
Difícil de resolver
O futuro a Deus pertence
Como os leitores vão ver
Morreu o tal coronel
Antes do filho nascer.

Com um mez e quinze dias
Que o fazendeiro morreu
O pequeno Mario Souza
Em Cordatá nasceu
Foram ler o seu destino
Sua mãe se entristeceu.

Naquele tempo leitores
Havia a superstição
Trazida da antiguidade
De saber se o cristão
Era feliz ou ditoso
Pelo misterio da mão.

A's vezes a cartomante
Na verdade não mentia
A viuva milionaria
Quando seu filho nascia
Mandou ler a sua sorte
Para ver o que seria.

Quando a cartomante leu
O futuro do menino
Quase que não revelava
Pelo seu triste destino
Pois a sorte da criança
Trazia um terrivel sigao.

— Quando ele completar
Os seus vinte e cinco anno (a)
Morrerá á meia noite
Por um terrivel tirano
Uma serpente horrorosa
Que habita no oceano.

A senhora tenha calma
Prosseguiu a cartomante
Na hora que este menino
Veio ao mundo lá distante
Gerou-se dentro do mar
Esta cobra horripilante.

A senhora nunca pense
Isto ao seu filho revelar
Do contrario se transforma
Na dita cobra do mar
Teuha a santa paciencia
Não se pode desviar.

Nisto a mãe de Mario Souza
Caiu na desolação
Chorando porque o filho
Trouxe essa maldição
De morrer futuramente
Nas garras deste dragão.

Quando ele completou
Os seus 10 anos de idade
A mãe dele todo dia
Chorava com realidade
Nas horas das refeições
Devido a fatalidade.

Aquela fortuna imensa
Ia ficar sem herdeiro
O menino ia crescendo
Naquele triste roteiro
Para succumbir tão jovem
O filho do fazendeiro.

Toda vez que o menino
Ia pra mesa almoçar
Quer na janta, quer na ceia
Pôde isto observar
Que sua mãe lhe olhava
E começava a chorar.

Perguntou um certo dia
Mario á sua mãe querida:
Porque choras minha mãe
Quando é hora da comida?
Qual o desgosto que tens
Oculto na vossa vida?

— Não é nada meu filhinho
Isto é muito natural
Quando contemplo o teu rosto
Noto mesmo tal e qual
O teu paç, por isto eu choro
Não tem nada de anormal.

O menino foi crescendo
E disto se desgostou
Pois a mãe de Mario Souza
Chorando continuou
Nas horas das refeições
O rapaz não se aguentou.

—Minha mãe, a vossa crise
Deste pranto amargurado
Cada vez estou notando
Um misterio complicado
Um grande segredo teu
No vosso peito guardado.

Já não te disse meu filho
Disse lá para ver
Se o rapaz se conformava
Mas ele não quiz saber
Dizendo a senhora tem
Algo que lhe faz sofrer.

Quinze anos completou
O filho do fazendeiro
A velha continuava
O seu pranto verdadeiro
Devido aqúelle destino
De um epílogo traiçoeiro.

Quando Mario completou
Seus 20 anos de idade
Disse elle: mãe querida
Se for da vossa vontade
Quero conhecer o mundo
Pois tenho necessidade.

Pois vejo que a minha presença
 Faz a senhora pensar
 O vosso pudorimento
 Não posso me conformar
 Só pode ser um segredo
 Que não pode revelar.

Disse ela: sim meu filho
 Vou que eu me conformarei
 Se não passares de um ano
 Esta dor suportarei
 Mas me perdoa meu filho
 Caso te contrairci.

Minha mãe não diga isto
 Nada de contrariedade
 Só sei que existe um misterio
 Com toda realidade
 E a senhora por isto
 Não gosa felicidade.

Quero ver se a minha ausencia
 Lhe dá paz ao coração
 Só quero que a senhora
 Cubra-me com a vossa benção
 Daqui um ano estarei
 No meu sant o Maranhão.

Naquele dia hospedou-se
 Na fazenda um viajante
 Era um moço conhecido
 Da zona do Amatante
 Viajava com uma tropa
 Negociando ambulante.

Com um ano ficou certo
 Como Mario prometia
 Com o dito ambulante
 A' fazenda voltaria
 A velha mais satisfeita
 Com isto nada dizia.

Um burro bom de montada
 A mão dele ofereceu
 E outro de mantimento
 Duzentos contos lhe deu
 Mas antes dele partir
 Disse ela: filho meu

Vou lhe fazer três pedidos
 Pra sua felicidade
 Tudo que vê não pergunte
 E quando tiver vontade
 De comprar um objeto
 Não chore necessidade.

O leceiro a Caridade
É' a chave que tu vence
Neste mundo caro filho
Nem a vida nos pertence
Se não fizeres o que eu digo
Felicidade nem pense.

Disse Mario: minha mãe
Pode ficar sociegada
Que eu farei os seus pedidos
Pois não perguntarei nada
É com os outros dois pedidos
Me livrarei da cidade.

O rapaz saiu de casa
Lugo ao amanhecer do dia
Quando o passarada alegre
Entoava a melodia
Anunciando a beleza
Da alvorada que surgia.

Vamos deixar Mario Souza
Pelo mundo viajando
Vamos tratar da serpente
Que no mar lá se formando
Pia malár o pobre Mario
Pelo seu signo nefando.

A serpente parecia
Um descomunal alão
Tinha o corpo como cobra
E azas como avião
Para malar o maucebo
Se destinava o Dragão.

Voltemos a falar de Mario
Que ainda inocente estava
Seis mezes com o ambulante
Ele pelo mundo andava
Quatro anos e seis mezes
Sua vida só restava.

Certo dia aquela tropa
Do viajante chegara
Numa terra muito estranha
E certa coisa notara
Um serviço horripilante
Que Mario se admirara,

Tirava o povo dali
O couro de um cadáver
Esfolando como um porco
Um serviço reprovavel
Perguntou o ambulante:
Qual a causa responsavel?

Disseram este sujeito
Só tinha de gente a figura
Ficou devendo dinheiro
Quasi a toda criatura
É por isto é esfolado
Sem direito a sepultura.

Nossa lei aqui é esta
Passa no mesmo tormento
Sija rico seja pobre
Não pode ter sacramento
Se ao menos dever 100 réis
Tem que haver esfolamento.

Disse Maria: neste casa
Pare esta execução
Pagarei todas as dividas
Quero ver este cristão
Receber os sacramentos
Da nossa religião.

Agora vocês me digam
Como poderei saber
Quem são estes seus credores
Disse um: é só bater
No sino da torre velha
Que logo o senhor vai ver.

E assim Mario mandou
O sino logo tocar
Veio gente que sô formiga
Do falecido cobrar
Mas de 10 contos de reis
Mario teve que pagar.

Mario depois que pagou
A'quela população
Para fazer o enterro
Pedia com veneração
Que se fizesse de acordo
A santa religião.

Ao depois daquele ato
Mario dali viajou
Ao lado do ambulante
Quando um ano completou
Ele prosseguiu viagem
Porém a tropa voltou.

Diga a minha querida mãe
Que eu não volto agora não
Quero conhecer mais terras
Quando um dia o coração
Me de saudades de casa
Voltarei ao Maranhão.

Quando Mario se apartou
Da tropa com realidade
Fazia vinte e um annos
Era esta a sua idade
Só fellovam quatro annos
Pro luste fatalidade.

Com três dias de viagem
Não tinha mais mantimento
Procurou uma fazenda
Que lhe desse sorlimento
Que desse para viagem
Era este o seu intento.

Adiante numa vereda
O rapaz se dirigiu
Deixou a estrada real
Noutro caminho seguiu
Uma carreira de cruces
Em toda parte ele viu.

Meia legua mais ou menos
Que ele na estrada andava
Com distancia de um metro
Somente cruz encontrava
Adiante uma fazenda
Numa colina avistava.

Mario chegou na fazenda
Bateu palma, alguém falou
Um cidadão iracundo
Na porta se apresentou
Que deseja cavalheiro?
O coronel perguntou.

Cidadão eu desejava
Minha matulagem fazer
Meu mantimento acabou-se
Caso me queira vender
Fico muito agradecido
Lhe pagarei com prazer.

Nele caso meu amigo
Tenha a bondade de entrar
Deixe aí os animais
Que eu mandarei guardar
Enquanto o senhor descança
Queria um cafésinho tomar.

Mario viu uma mulher
Completamente despida
No batente do portal
Parecendo uma perdida
Com cabelos desganhados
Com ares de arrependida.

Mario nada perguntou
Como sua mãe pedia.
Na hora da refeição
Disse o coronel: **MÁRIA**
Venha também almoçar
Já é quasi meio dia.

A mulher se levantou
Com o rosto transfigurado
Completamente despida
Mario todo envergonhado
Sentou-se para almoçar
Mas aguentou calado.

Quando o almoço terminou
Mario viu em cima da mesa
Um paliteiro esquisito
Nunca visto em natureza
Uma caveira terrível.
Um misterio com certeza.

Mario tirou um palito
Da tal caveira horrorosa
E logo saiu da mesa
Diante aquela formosa
Sempre silencio, lembrando
Da sua mãe estremosa.

Cum três dias, disse Maria
Que queria viajar
O coronel deu-lhe tudo
Que devia precisar
Finalmente o mantimento
Que podia ele levar.

O valor que ele devia
Pagar pelo mantimento
Era uns 50 mil reis
Entre todo sortimento
O coronel lhe pediu
Duzentos mil e quinhentos (s).

O rapaz não disse nada
Pagou logo ao fazendeiro
Agradeceu e saiu
Depois de pago o dinheiro
O coronel lhe chamou
Lhe dizendo: cavalheiro...

Como o Sr. não reclama
Por tudo quanto pagou
O preço do mantimento
O Senhor então não achou
Que lhe explorei meu amigo?
E porque não reclamou?

Disse Mario: não senhor
O vosso bom coração.
Foi nobre, pois me tratou
Com perfeita distinção
A respeito do negocio
Não achei exploração.

Agora você responde
Porque não me perguntou
Por esta mulher despida
Que em minha casa encontrou?
Disse Mario: a vossa casa
Quem manda nela é o senhor.

Muito bem! e a coveira
Que serviu de paliteteo
O senhor não disse nada?
Disse Mario: cavalheiro
Vossa casa é seu reinado
Sou um simples forasteiro.

O senhor meu caro amigo
Foi um milagre escapar
Não viu todas essas cruzes?
Agora eu vou lhe contar
Todos que aqui pernolitam
E' muito raro escapar.

Disse o coronel: as cruces
Que o senhor viu na estrada
São de tipos curiosos
Que aqui pedem pouso
Quando avistam esta mulher
Começam dizer piada.

E o motivo é só este
Que me faz um assassino
Começam dizer pilherias
Não sabendo o seu destino
Todo dia mato um
Pra deixar de ser cretino.

Todos eles eu matava
E ia logo enterrando
Mil e 500 cadáveres
Com você ia somando
Mas o senhor foi feliz
Não terminat lhe matando.

Agora vou lhe contar
O misterio da minha vida
Não está vendo esta mulher
Neste balente despido
Era a minha fiel esposa
Mas tornou-se uma perdida.

Não vêes, naquela caveira
Em lugar de paliteiro
Era um padre que com ela
Me zombava o traçoeiro
Malei-o na vista dela
Com um tiro mui' certo.

Assim, como ela não teve
Do ultrage «cerimonia»
Eu deixei somente o craneo
Desta caveira medonha
E ela ficou despida
Porque não teve vergonha.

Os que passam por aqui
Quando vê ela despida
Me pergunta admirado
Sem temer a propria vida
E' este o motivo moço
Que me tornei homicida.

Disse ainda o coronel
Tome agora cavalheiro
A vossa nobre importancia
Que eu não quero seu dinheiro
Mario Souza despediu-se
Deste grande fazendeiro.

Quando Mario ai deixou
Esta fazenda, faltava
Quatro anos pra morrer
Pois tres dias só passava
Que ele abandonou a lropa
Que consigo viajava.

Quando chegou na estrada
Ouvia uma voz lhe grilar
Cavalleiro espere si
Eu desejo lhe falar
Não deseja um empregado
Para lhe auxiliar?

Disse Mario só se for
Pra tratar dos animais
Disse o moleque eu aceito
Pra tudo sei capaz
Com mil reis ficou o preço
De ganhar o tal rapaz.

O molecole era um moço
Que tinha certa feição
Apezar da sua cor
Tinha um nobre coração
Realmente delicado
Seu o seu nome João.

Mario Souza e o empregado
Se tornaram companheiros
Pareciam dois irmãos
Na vida de forasteiros
Rompendo serras e vales
Planícies e taboleiros.

Tudo que Mario queria
O empregado arranjava
O que João pretendia
Tambem Mario concordava
E assim mais de três anos
Pelo mundo viajava.

Viajaram a Pernambuco
Atravessaram a Bahia
Voltaram pra o Ceará
Quando foi um certo dia
João disse a Mario Souza
Que as suas contas queria.

Faz três anos seis mezes
Que eu já ando com o senhor
Preciso agora voltar
Para o meu interior
Disse Mario: Deus me livre
Você não vae não senhor.

Disse João: meu caro amigo
Só faço isto obrigado
Desejo saber agora
Quanto é que tenho de saldo
Todo dinheiro de Mario
Foi 10 contos bem cantado.

Cinco contos pra João
Nisto Mario ficaria
Com cinco contos de réis
Disse Mario não sabia
Que só tinha este dinheiro
Preciso sua companhia.

Vamos fazer um negócio?
Disse João: vamos ver
Seremos agora sócios
Desta forma pode crer
O que for seu é meu também
Para nós poder viver.

Disse João: eu aceito
Com a seguinte condição
Temos que concordar tudo
Um do outro a opinião
E tudo pertence a nós dois
Em caso de separação.

Está feita disse Mario
Não serás mais empregado
Agora vamos tratar
De ficar estacionado
E na primeira cidade
O ponto determinado.

Ficou assinado o pacto
Entre Mario mais João
Nisto chegaram numa vila
Por nome de Amarração
Fronteiras do Piauí
Bem perto do Maranhão.

Completava Mario Souza
Vinte e quatro anos de idade
Com acreseimo de seis meses
Nisto com realidade
So faltavam seis meses
Pra triste fatuidade.

Nesta vila Mario Souza
Com o seu socio João
Uma casa de negocio
Fizeram combinação
Ficaram ali conhecidos
Por toda população.

Com quatro meses depois
Mario disse com certeza
Meu socio preciso ir
Comprar certa miudeza
Pelo seu preço mais barsto
Eu sigo pra Fortaleza.

Disse João está muito bem
Venha logo por favor
Sem você aqui sosinho
Não supo to este labor
Direto pra Fortaleza
Seguiu Mario meu leitor.

Quando Mario viajou
Todo dia uma velhinha
Pedia esmola a João,
Numa certa manhãzinha
João perguntou a ela
Se morava ali sosinha.

Disse a velha patrãozinho
Eu moro num arrabalde
Comigo mora uma filha
Com 20 anos de idade
Mas Helena fica em casa
Devido a necessidade,

Mas sua filha não tem
Um vestido pra sair?
Disse a velha não senhor
Quando ela quer vestir
Eu dou o meu vestido a ela
Para que eu lhe mentir.

Disse João minha velha
Você diga a esta donzela
Que se prepare que eu tenho
Um casamento pra ela
Vou casa-la com meu socio
Pra sair desta mazela.

Tome logo esta fazenda
Mande um vestido fazer
Diga a ela que se apronta
Que meu socio vai querer
Casar com ela garanto
Isto a senhora ver.

Mas patrão o que é isto
O seu socio num momento
Sem conhecer minha filha
Vai querer tal casamento?
Disse João: não se incomode
Já lhe dei meu juramento.

Quero vê-la toda pronta
Hoje é vinte de Janeiro
Meu socio está pra chegar
Dia 2 de Fevereiro
Sua filha está casada
Faça o vestido ligeiro.

Quando Mario regressou
Foi uma satisfação
Meu socio vae me dizendo
Houve alguma alteração
Nada Mario tudo em ordem
Respondeu logo João.

Agora tem uma cousa
Há uma grande novidade,
Disse Mario o que é que há
Me conte por caridade
Não é nada disse João
Me ouça por sua bondade.

Não se trata de segredo
Isto que eu vou lhe contar
Mas é preciso meu socio
Um grande particular.
Se trata de uma moedinha
Que deverás se casar.

Aí conteu a historia
Daquela pobre velhinha
Era uma infeliz mendiga
Tinha só uma filhinha
Mas vivia em casa presa
Sem ter roupa coitadinha.

Mario que era um rapaz
Caritativo e bendoso
Disse a João: está certo
Não ficateir melindroso
Diga a moça que eu serei
Realmente seu esposo.

Só faltavam cinco dias
Pra Mario Souza molter
Disse João para o socio
Ouça este parecer
O homem pra se casar
Deve olhar pra seu dever.

Três dias antes meu socio
O homem deve pensar
Pedir a Deus a fortuna
De uma maneira sem par
Para que a sua esposa
Seja uma amiga do seu lar.

O homem deve às seis horas
Elevar seu pensamento
Pedindo felicidade
Às forças do firmamento
Está na hora meu sócio
Recolla ao seu aposento.

Enquanto Mario sosinho
No seu quarto imaginava
O socio numa camarinha
Uma grande espada amolava
Mario morrendo de medo
Nada aquilo perguntava.

No outro dia às seis horas
Mario Souza se trancou
João a espada amolava
Mario nada perguntou
Sempre amolando, amolando
Seu serviço não parou.

No terceiro dia o moço
Realizou o casamento
Pedindo pra sua esposa
Que fizesse um juramento
Tudo quanto a mãe pediu
Para ele um mandamento.

Helena naquele instante
Os pedidos garantia
De fazer a caridade
E nada perguntaria
Como tambem se comprasse
Por menos nunca pedia.

Quando Mario se casou
Três dias só lhe restava
Para cumprir seu destino
A serpente já estava
Pronta para aquele ato
Que a sorte determinava.

A serpente disse hoje
Terei muito que voar
Na casa de Mario Souza
Tenho que lhe visitar
Esteja aonde estiver
Tenho que lhe devorar.

Quando deu seis horas, ele
Com Helena se trancou
João a espada amolava
Mario nada perguntou
— Mas o que João pretende?
O rapaz inda pensou.

Quando bateu onze horas
Apareceu a serpente
O moleque com a espada
Lutava constantemente
De madrugada o dragão
Abandonou o valente.

No segundo dia veio
A serpente furiosa
Mas João com sua espada
Travou uma luta horrorosa
Onze horas mais ou menos
Foi se embora a criminosa.

Chegou o dia mercado
De Maio Souza morreu
A serpente disse hoje
Este moleque vai ver
Devoro ele com ludo
Brigo até o amanhecer.

A serpente já estava
Ponta para aquela hora
A's dez horas mais ou menos
Chegou a tal facinora
Para matar o guerreiro
O rapaz e sua senhora.

Com quatro horas de luta
A cobra se esmoreceu
Quando foi ás cinco horas
O rapaz foi quem venceu
Livrou Mario da desdita
E a dita cobra morreu.

Quando foi de manhã cedo
Disse o valente João
Mario vá ligeiro á rua
Me alugue um caminhão
Que é preciso transportar
Para o mar este dragão.

Quando o caminhão chegou
Trataram de transportar
Levaram aquela serpente
Jogaram dentro do mar
Disse João para o seu socio
Mario quero lhe falar.

Já que vejo sua pessoa
Com sua esposa casado
Agora quero ir embora
Desejo ser desligado
Da nossa firma portento
Não fique disto zangado.

Mario disse é impossível
A nossa separação
Repartiram todos os bens
Como queris João
Sô fallava sua mulher
Vamos parti-la a facção.

Mario pegou uma perna
Da mulher para cortar
Disse João: tua esposa
Eu não quero molestar
Nem lão pouco o teu dinheiro
Eu pretenderei levar.

Tu sabes Mario quem sou eu?
Eacola meu camarada
Eu sou aquele cadaver
Que me enterraste na estrada
Como tu foste bom filho
Eu fui teu anjo da guarda.

Se a tua mãe chorava
Porque devias morrer
Com os 25 anos
Volla a tua mãe vae ver
Até dia de ju zo
Até quando nós se ver.

F I M

2141
RODOLFO COELHO CAVALCANTE

Caixa Postal 425

SALVADOR - BAHIA

DEPOSITO GERAL

Completo sortimento de folhetos,
romances, jornaes de modinhas etc.
Praça Cairú n. 5, 2.º andar (acima da «Medicinal»)



RODOLFO

RESIDENCIA DE RODOLFO

Rua Laurindo Babelo (antiga
Florencio Correia) n. 7-A

(Entrada: Rua Lima e Silva n.º
314-316 (Salla no Abrigo) Liberdade — Salvador — Bahia

PONTO DE TRABALHO

JARDIM DA PRAÇA CAIRÚ - BAHIA

N. B. Aceitamos agentes em todo país

SERVIÇOS TIPOGRAFICOS

Tipografia Ideal — Rua Maciel de Baixo 55 (Loja)
Tel. 3475 - Salvador - Bahia

GRÁFICA NOËL — Rua Dr. Aurélio Miranda
n.º 9, 11 e 13 — Tel. 84 — Cidade de Nazaré - Bahia